

**“MINHA IDENTIDADE AGORA LHE PERTENCE”:
REFLEXÕES SOBRE O CORPO FEMININO E A MATERNIDADE NO
CONTO “LEITE DE CACTO”, DE
BETHÂNIA PIRES AMARO**

Isabeli Trinta Bruzaca (UFMA)¹

Resumo: O artigo propõe uma análise em torno da maternidade disfuncional, tema especialmente explorado no conto *Leite de Cacto*, da autora brasileira Bethânia Pires Amaro. O conto traz a perspectiva feminina da maternidade de forma real e não romantizada. Assim, a noção de “maternar” é desconstruída e apresentada dentro de um sistema social e cultural igualmente irregular. Os objetivos do artigo são demonstrar como o corpo feminino é ressignificado e desumanizado após a experiência de dar à luz, e analisar os modos pelos quais a identidade da protagonista é tensionada enquanto no papel de mãe. O estudo fundamenta-se teoricamente em autoras como Judith Butler, Simone de Beauvoir e Vandana Shiva, cujas reflexões sobre identidade, gênero enquanto instituição social e violência permitem uma leitura crítica do conto. Ademais, também se utilizarão as contribuições em torno da noção de corpo do autor Merleau-Ponty. A metodologia adotada tem enfoque analítico-interpretativo. Foram analisados excertos específicos de *Leite de Cacto* que evidenciam a tensão entre a concepção social da maternidade e a realidade subjetiva da protagonista. Os resultados indicam que Bethânia Pires Amaro mobiliza o recurso do relato em primeira pessoa, instaurando uma estética crítica que aborda temáticas de profunda relevância social e literária.

Palavras-chave: Corpo. Feminino. Identidade. Maternidade.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo fora pensado após a leitura do livro *O ninho* no grupo de pesquisa GEPLIT, que, no presente ano de 2025, iniciou o empenho de enriquecer a fortuna crítica em torno da produção da autora Bethânia Pires Amaro, visando a desenvolver novas interpretações acerca da obra que mobilizem não somente os estudos da paisagem, mas também de temáticas do universo feminino, tal qual a maternidade. É de suma importância, ainda, que a análise em torno do conto *Leite de Cacto* a ser desenvolvida neste estudo se proponha a divulgar a produção literária contemporânea de autoria feminina no contexto da América Latina, pois considera-se que a discussão e o estudo de tais obras enriqueçam, também, a existência feminina dentro e fora do universo da Literatura.

¹Graduanda do curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e membro integrante do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (GEPLIT). Email: isabeli.tb@discente.ufma.br. Trabalho orientado pela Prof.^a Dr.^a Márcia Manir Miguel Feitosa, coordenadora do GEPLIT.

O presente artigo, portanto, se deterá no que diz respeito à ao papel social da “mãe” e ao corpo feminino dentro do conto *Leite de Cacto*. Isso posto, cabe destacar que a proposta para escrita deste estudo surgiu das inúmeras discussões em grupo em torno do fato de que a maternidade – frequentemente representada como espaço de plenitude afetiva e realização feminina – tem sido crescentemente revisitada, na literatura contemporânea, sobretudo por autoras, que problematizam os contornos normativos e as contradições socioculturais dessa tendência. Nesse contexto, se discutirá também como Bethânia Pires Amaro contribui, enquanto escritora, no processo de questionar esses valores impostos socialmente.

No conto em questão, ao qual se deterá sem desconsiderar o discurso da obra como um todo, a narrativa em primeira pessoa desloca o olhar idealizado dos leitores em torno do ato de maternar (e especialmente da experiência de amamentar) e expõe as subjetividades do ser-mulher a partir da perspectiva de uma mãe viciada. Assim, ao adotar uma perspectiva explícita e não-romantizada, Amaro evidencia que a maternidade, antes de constituir um destino natural ou um atributo essencial da mulher, é uma instituição moldada por expectativas patriarcais que se realizam de maneira desigual na vida das mulheres latino-americanas.

No que se refere ao objetivo central deste estudo, trata-se esse de analisar a maternidade e as problemáticas dela provenientes no conto *Leite de Cacto*. Ademais, os objetivos específicos são: demonstrar como o corpo feminino é ressignificado e desumanizado após a experiência de dar à luz, e analisar os modos pelos quais a identidade da protagonista é tensionada enquanto no papel de mãe. Para tanto, a investigação se fundamentará em autoras como bell hooks (2019), Judith Butler (2021), Simone de Beauvoir (2009), Adrienne Rich (2019) e Vandana Shiva (2021), cujas reflexões sobre identidade, gênero como instituição social, violência estrutural e economia do cuidado oferecem uma visão ampla da sociedade patriarcal disfuncional que invisibiliza as problemáticas do universo feminino e justifica dinâmicas de opressão. Ademais, para abordar a questão da desumanização do corpo, o estudo também se valerá das contribuições de Merleau-Ponty (2018).

Quanto à metodologia, adota-se um enfoque analítico-interpretativo, orientado pela leitura atenta de excertos específicos de *Leite de Cacto* que evidenciam o embate entre a concepção da maternidade – frequentemente carregada de idealizações – e a realidade subjetiva da protagonista. Cabe ressaltar que a análise preliminar indica que Amaro (2023) mobiliza o relato do narrador-personagem como estratégia estética para conferir densidade emocional à narrativa, instaurando uma voz que evidencia tensões e ambivalência associadas ao universo feminino e às problemáticas específicas da protagonista. Finalmente, os resultados obtidos sugerem que o conto articula questões de profunda relevância social e literária, contribuindo

proficuaamente para o debate contemporâneo sobre a identidade e o corpo femininos, a maternidade e a violência simbólica exercida sobre esses corpos no contexto da sociedade brasileira.

2. O “PAPEL DA MULHER” E O CORPO FEMININO EM “LEITE DE CACTO”

De acordo com a filósofa indiana Vandana Shiva (2021), as mulheres contribuem e têm contribuído, há séculos, com o mais importante trabalho humano: as atividades de cuidado. Em sua perspectiva, as mulheres representam a maior e mais produtiva força de trabalho do planeta, pois o ato de servir é essencial à vida e, em uma visão mais ampla, à manutenção da humanidade. No entanto, andando lado a lado com essa realidade, encontra-se o fato de que grande parte das sociedades ocidentais e orientais assumiram um posicionamento político, econômico, cultural e identitário baseado no patriarcalismo. Por essa razão, o mundo foi organizado e pensado de acordo com um projeto masculino. Consequentemente, aquilo que é relacionado ao universo feminino torna-se, de repente, fútil ou insignificante – desvalorizado dentro da lógica masculinista da sociedade.

Nesse cenário, o trabalho feminino e, em especial, a maternidade torna-se invisível, pois não há valor capital nem mérito social agregado a ela. De acordo com essa lógica, assume-se, a partir da Idade Moderna, a noção de que as mulheres não trabalham, sobretudo aquelas que se dedicam à vida doméstica e à maternidade, visto que essas funções não produzem – social e economicamente – o mesmo capital atribuído aos trabalhos ditos “masculinos”. Assim, atividades como cuidar dos filhos, administrar uma casa ou servir aos parentes mais velhos deixam de ser entendidos enquanto trabalho e tornam-se, ademais, uma obrigação *feminina*. A autora afirma, ainda, que esse mundo organizado de um viés masculino, cria um sistema alienado que desumaniza as pessoas (homens e mulheres), pois desconsidera a vida concreta delas.

De acordo com essa convicção patriarcalista – estreita e mecanicista – o capital é a realidade e as pessoas, sobretudo as mulheres, são peças secundárias nesse sistema, já destituídas de humanidade. Portanto, percebe-se, a partir da visão de Shiva (2021), que o sistema patriarcal perpassa não somente questões socioculturais, mas também, questões políticas e econômicas. Contudo, é essencial ao presente estudo que se detenha, especialmente, aos fatores que escancaram como, na contemporaneidade, ainda são desconsideradas a humanidade e a identidade feminina, relegando-as a uma espécie de “maternidade compulsória”, em alusão ao termo que Rich (2019) cunha como “heterossexualidade

compulsória”. No presente estudo, se abordará, sobretudo, a pressão cultural e social que impõe a maternidade enquanto norma, desconsiderando as subjetividades do indivíduo mulher.

Nesse contexto, a tendência global que encara, ainda atualmente, a maternidade enquanto uma obrigação feminina desconsidera as múltiplas subjetividades da experiência do ser-mulher. É nesse quadro, porém, que a escritora brasileira Bethânia Pires Amaro, no livro *O ninho* (2023), traz à tona múltiplas realidades da experiência feminina e, principalmente, das maternidades disfuncionais. No microcosmo da obra, as histórias expõe relações familiares fruto de um sistema social maior e uma instituição estatal igualmente disfuncional, ou seja, a fragilidade dessas relações é resultado não só das falhas humanas, mas, também, das falhas socioeconômicas e culturais do Brasil.

No presente estudo, que se debruça sobre o conto *Leite de Cacto*, tais nuances são abordadas a partir, também, da fenomenologia de Simone de Beauvoir (2009), que fundamenta não somente a análise do conteúdo da obra, como também as implicações formais do texto, isto é, quanto à importância de que seja uma obra de autoria feminina e cujos contos, também, assumem, quase sempre, um ponto de vista feminino, tecidos a partir da 1ª pessoa. A relevância deste fato encontra raiz na noção de que, para Beauvoir (2009), entre aqueles que escreveram sobre a natureza humana, a maioria era masculina. Além disso, conforme já mencionado, essa maioria adota a masculinidade como o padrão com o qual se julga a natureza humana e definem as mulheres segundo a diferença desse padrão. Por essa razão, de acordo com os padrões sociais, o homem é definido como ser humano e a mulher, como fêmea.

Consequentemente, à fêmea é atribuído e, muitas vezes, *imposto* o papel social da “mãe” ou, ainda, o papel social de dar continuidade à prole masculina – desconsiderando variáveis ou desejos individuais. É a partir dessa noção, apontada e criticada por Beauvoir (2009) e Shiva (2021), que se levanta a hipótese principal em torno do conto em questão, isto é, de que a protagonista de *Leite de Cacto* personifica as consequências advindas de uma “maternidade compulsória”. Para melhor ilustrar essa tese, cabe contextualizar que, no conto, a protagonista é uma mulher dependente química que acaba de dar à luz a sua filha. Nesse cenário, é retratado uma personagem que precisa lidar não somente com os desafios advindos do puerpério como também da crise de abstinência em *heroína* – cujo nome demonstra o jogo de significados com o qual Amaro irá operar ao longo do conto.

O conto abre-se com a epígrafe que lê: “[...] eu não quero ouvir um pio” (Amaro, 2023, p. 11). Esse prelúdio, que alude às frases culturalmente atribuídas à maternidade e à dureza em oposição ao afeto materno, antecipa também o embate que será retratado ao longo da narrativa. Assim, de início, por meio da descrição dos sons no momento presente, o cenário que segue

cria um imagético que mescla passado e presente, a sonoridade funcionando tal qual um vórtice narrativo que condiciona o leitor a adentrar as memórias da mãe. Nesse cenário, com o choro da filha recém-nascida, a protagonista relembra as dores do parto. Ao mesmo tempo, em suas mãos, reside um isqueiro, cuja chama canta. Assim, a narradora-personagem anuncia:

“Abro e fecho a tampa metálica: [...] uma mornidão agradável se espalha pela minha palma e consigo ouvir o chamado do fogo, uma canção pesada, decadente. Eu tento resistir, recordar os passos que me levam para longe, para um tempo calmo e seguro, e as palavras quase se formam na minha cabeça, mas logo as perco por trás do choro de minha filha [...] ao mesmo tempo, os gritos da menina me transportam para outras dores: para o quarto de hospital onde ela me torceu as entranhas por dezoito horas” (*ibid.*, p. 11-12).

Nesse trecho, começa a delinear-se o “embate” entre as personagens, bem como as nuances dessa relação, na qual são concomitantemente adversárias e aliadas de uma mesma dor: o vício. Mais adiante, a narradora adiciona, ainda: “Começo a me familiarizar com as regras desta batalha, com as estratégias da minha adversária [...]” (*ibid.*, p. 13).

Fica evidente, portanto, que a maternidade a ser presentificada na história evocará antes os conflitos advindos dessa relação, em oposição à noção da mãe como retratada tradicionalmente, isto é, que dispõe de total autocontrole e cujo papel de *maternar* é fruto de uma aptidão natural. Essa suposta “propensão feminina” é criticada por Beauvoir (2009), que pontua que os vários mitos criados em torno da “mulher” advém do fato de que o ente biológico (a forma corporal com a qual nascem as mulheres) está atrelada a noção de “feminilidade” (uma construção social). Em função desse construto, criam-se noções que aprisionam o ser-mulher em ideais impossíveis, o que inclui o ideal da mãe.

Dentro desse ideal, uma característica central o determina: o suposto “amor incondicional” e, conseqüentemente, a perda de identidade do indivíduo que, antes de assumir o papel da mãe, é um *ser-mulher*. De acordo com essa perspectiva, ao assumir o cargo materno, supõe-se que haja uma doação total de si em função de um *outro*, isto é, impõe-se a negação do *eu*. Essa proposta, já evidencia, por si própria, uma violência à existência feminina, mas, para além disso, demonstra, também, uma imposição social que culmina na impossibilidade da existência feminina autêntica enquanto mulher e mãe concomitantemente. Assim, os mitos em torno da mulher – da mãe e da esposa, sobretudo – são criados de maneira a reafirmar a subserviência feminina frente ao outro, pois incapacitam a mulher enquanto indivíduo, atrelando sua existência, sempre, a um segundo ser, homem ou filhos.

Sobre essa questão, Beauvoir (2009), afirma que tais papéis sociais são, severa e constantemente, impostos, justamente em função de sua inorganicidade. Em outros termos, para

a autora, o que está comumente atrelado ao *feminino* e, mais relevante ao presente estudo, à *maternidade*, não é natural ao ser. Por essa razão, ela decreta: “[...] exortam-nos: ‘Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres.’ Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade” (Beauvoir, 2009, p. 11). Trazendo tais propostas ao contexto do conto, cabe destacar que quando Amaro (2023) escolhe narrar, através de sua protagonista, uma aversão à filha e ao som de seu choro há uma evidente crítica às concepções que propõe a maternidade romantizada, enquanto algo natural ao sexo feminino e que, portanto, deveria ser desejado por todas as mulheres.

Ademais, essa concepção também desconsidera questões subjetivas que o conto escolhe escancarar, tal qual a inaptidão à maternidade em função da dependência. Para melhor exemplificar essa disfuncionalidade que a autora de *Leite de Cacto* retrata, recorre-se ao seguinte trecho: “Fecho o isqueiro, a menina engasga e por um segundo há um silêncio milagroso, perfeito; mas ela recupera o fôlego e retoma o pranto avassalador, ainda mais poderoso que antes” (Amaro, 2023, p. 13). No segmento, o desapego e o pouco tato materno têm não somente um fundo mais humano, de uma mãe exaurida, como também um agravante do caso em questão: os mesmos sentidos humanos que clamam por descanso e, especialmente, por silêncio, estão nublados pela crise de abstinência e renegam ao outro ser que chora em razão da mesma necessidade.

Assim, nesse jogo de forças, no embate de resiliência entre os dois indivíduos, mesmo que o cordão umbilical físico já houvesse sido cortado, há uma conexão invisível entre seus corpos, uma carência que nada diz respeito ao amor materno, mas sim a algo de ordem fisiológica. Amaro (2023) brinca, nesse sentido, com o corpo dito “materno”: no conto, ele nutre e atrofia, dá vida e extermina ao mesmo tempo. Desse modo, a protagonista narra: “[...] essa era sua cartada – fazer-me refém de seu desamparo, de sua fome pelo meu leite, do nome que eu lhe emprestei [...]” (*ibid.*, p. 14). Portanto, seguindo a lógica da narradora, percebe-se que o desamparo ao qual ela alude é dúbio: faz referência à filha, mas também a si própria, afinal, suas existências estão agora interconectadas por seus papéis sociais e pela simbologia em torno desse “cordão umbilical do vício”, concomitantemente.

Sobre essa dependência entre os corpos, isto é, da filha por sua progenitora, outro segmento chama atenção no que diz respeito à individualidade dentro da relação mãe-e-filha no contexto do conto, quando a protagonista descreve: “Se mantenho a palma imóvel sobre a chama, rapidamente a dor acorda os meus nervos e me concentra no momento presente, um corpo sobre o sofá, um corpo que necessita [...]” (*ibid.*, p. 11). Nesse trecho, é sua obscuridade

o que o torna mais fulgurante, pois não é totalmente claro a qual referente – mãe ou filha – o referido “corpo” diz respeito na sentença, demonstrando, ainda mais, a “fusão” entre uma outra. Assumindo esse posicionamento, nota-se a despersonalização da protagonista, isto é, sua existência agora se vincula, total e completamente, à existência de outro ser – ela deixa de ser *uma* e tem, agora no papel de mãe, seu eu assujeitado pela presença da outra, a menina.

Além disso, cabe destacar, no presente momento, que ambas as personagens dispõem um aspecto em comum: um nome. Tal escolha narrativa acentua, ainda mais, a despersonalização da mãe, cuja existência não é mais distinta, porém dependente da existência da filha, como se a ela pertencesse – inversamente ao que se propõe tradicionalmente, ou seja, de que é a prole quem pertence a suas progenitoras. Essa opção da autora faz transparecer, de forma mais clara, a crítica a qual faz alusão, de que o corpo da protagonista nunca é “por si só”, pois agora remete ao da filha. Sobre essa questão, de acordo com Judith Butler (2021), que reflete sobre os corpos enquanto performances de um discurso:

“O corpo, em sua persistência, não é expressão de uma vontade individual ou coletiva. Pois, se aceitamos que parte do que é o corpo (e esta, no momento, é uma afirmação ontológica) ocorre na dependência de outros corpos – de processos vivos dos quais participa, redes de apoio com a quais contribui –, então sugerimos que não é correto conceber os corpos individuais como inteiramente distintos uns dos outros, [mas] tampouco seria correto pensá-los como uma fusão, totalmente indistintos” (Butler, 2021, p. 151).

De acordo com essa proposta, percebe-se que Butler (2021) assume um posicionamento político em torno do corpo que vai além das questões socioculturais. Para a autora, isso se dá porque senão conceituado o corpo e seus significados no contexto de instituições, práticas e relações nas quais ele vive e se desenvolve, seria impossível explicar por que o vilipêndio a tais corpos, em suas múltiplas acepções, deve ser combatido. Dessa forma, entende-se que a violência simbólica sofrida pela protagonista de *Leite de Cacto* é resultado não da relação direta com a filha, ainda que a primeira se refira a essa última enquanto uma “adversária”, mas, sobretudo, em função da sociedade patriarcal que paira sobre a realidade do conto, ou seja, o macrocosmo social que rege o microcosmo individual.

Nesse sentido, não somente o vício das personagens como também a relação disfuncional entre essas resulta de uma infraestrutura política, social e cultural que justifica dinâmicas de opressão contra o ser-mulher. Ademais, cabe ainda destacar que a realidade retratada no conto expõe uma versão adoecida da maternidade, cujas feições, em momento nenhum, transparecem a suposta inclinação natural do sexo feminino aos serviços de cuidado. Embora adoecida e desvincilhada de qualquer noção inerente ao cuidar, essa feição da

maternidade revelada por Amaro não é menos relevante, afinal, se tomada a maternidade não enquanto uma obrigação feminina universal, mas sim enquanto uma escolha individual, as subjetividades devem ser, obrigatória e necessariamente, consideradas. Além disso, a escolha temática de Amaro (2023) reflete a tese previamente defendida por Beauvoir (2009) que propõe que, se a feminilidade, a amabilidade e a maternidade, fossem naturais à mulher, seriam, portanto, características comuns a todas.

Porém, por meio da ficção, e com um enredo espantosamente verossímil, o conto demonstra o contrário. Para exemplificar, recorre-se ao trecho abaixo, no qual a narradora outra vez recorre a uma imagem que coloca a si e à filha enquanto uma unidade, demonstrando que o parto simbolizaria, ao mesmo tempo, o momento em que deixariam de ser uma, mas continuariam ligadas por uma força individual e coletiva que as relaciona para além dos laços sanguíneos. Essa relação, por sua vez, encontra raiz no fato de que – mãe e filha; menina e mulher – são vitimizadas por uma mesma espécie de violência que oprime o corpo feminino no âmbito físico, psicológico e simbólico. Assim, a protagonista relata:

“Decidi então ignorá-la e ver se isso surtia algum efeito – mas o choro parece ter se tornado ainda mais violento, ela se esgoela com uma força inadmissível, dantesca. Penso que talvez não quisesse nascer, que desejasse permanecer dentro de mim para sempre, aninhada entre minhas costelas, que o parto lhe parecera uma espécie de rejeição fundamental – a minha falência enquanto mãe, da qual, desde então, ela se vingava” (Amaro, 2023, p. 15)

Logo, a partir desse trecho e tomando como embasamento as noções supracitadas, fica evidente que ignorar à filha traduz-se em ignorar a si própria. Essa afirmação é possível pois, de acordo com Butler (2021), não é propriamente o imediatismo do corpo que sofre as violências simbólicas, mas o corpo que é, ao mesmo tempo, diferenciado e indiferenciado de todos os outros. No caso em questão, o corpo feminino. Seguindo essa linha de raciocínio, há uma identidade compartilhada entre mãe e filha, visto que ambas ocupam um lugar comum: ser mulher. Esse lugar, por si só, já é fragilizado, pois, conforme aponta Beauvoir (2009), apenas o homem é definido como ser humano; a mulher, dentro da perspectiva masculinista, é fêmea. Assim, somado à fragilidade desse entrelugar, encontra-se a relação maternal desse caso em específico, com todas suas disfuncionalidades.

Contudo, embora haja um lugar comum entre mãe e filha (pois são ambas mulheres), quando assumida uma nova perspectiva e pensada apenas o papel social atribuído à mãe (de “maternar” a outro ser), há uma perda de identidade desta enquanto indivíduo, bem como a desumanização de seu corpo. Isso se dá porque, de acordo com a lógica patriarcalista

dominante, o corpo materno enquanto realidade biológica tem a função de cuidar, unicamente, e já perdera sua unicidade. Para tornar tal afirmação factível, porém, é necessário que se analise essa personagem a partir das contribuições de Merleau-Ponty (2018). Para o autor, o *corpo vivido* pode ser entendido enquanto as experiências do indivíduo, isto é, enquanto realidade material, porém também psicológica e biológica. Nessa acepção, o corpo da personagem – entendido em sua subjetividade – é espaço de dor e conflito interno por múltiplas questões psicológicas e fisiológicas decorrentes do vício, o que não o reduz a ser apenas um “corpo-materno”, isto é, que vive e existe em função de um segundo corpo.

Nesse sentido, seu *corpo vivido* é sua própria subjetividade, sua história que percebe e reconhece a si mesma enquanto “eu” – perspectiva essa que é acessível ao leitor em função da escolha pela narrativa em 1ª pessoa, revelando, no processo sua importância. Esse corpo, porém, se revela submetido a normas patriarcais que definem como a mulher deve sentir, agir e performar sua maternidade. Nesse sentido, para Merleau-Ponty (2018), o corpo vivido também deve ser lido enquanto *corpo socializado*, pois é atravessado pela experiência da maternidade e do vício, concomitantemente. Dessa forma, para melhor exemplificar como a maternidade é experienciada pela protagonista enquanto uma perda de si, recorre-se ao seguinte excerto, no qual a protagonista destaca não mais uma relação entre adversárias, mas a suposta “cumplicidade” que encontra na figura da filha recém-nascida:

“O choro da menina é para me recordar de que somos cúmplices nas deficiências de minha maternidade, de que minha própria identidade agora lhe pertence – estamos, ambas, confinadas àquela imagem de mãe e filha, dominante o suficiente para apagar quaisquer indícios da mulher que fui” (Amaro, 2023, p. 19)

No segmento acima, destaca-se a sentença “[...] minha própria identidade agora lhe pertence” (*ibid.*) que explicita como, da perspectiva da mãe, há uma desvalorização do indivíduo mulher somado a invisibilização de sua existência enquanto sujeito. A referida “perda de identidade” resulta da sensação relatada pela mãe de desumanização do corpo feminino durante as experiências de maternidade, que desconsideram sua subjetividade – o corpo atravessado, também, pelo vício e pelos conflitos internos.

Assim, de forma a afirmar o vício enquanto uma força maior que o dito “instinto materno”, o conto encerra-se com o silêncio, que se opõe ao caos inicial: “Eu também estou sonolenta, levo alguns instantes para me lembrar da seringa, [...] aquela rendição não foi intencional, nada mais é do que a droga passando do meu organismo para o dela por meio do leite que ainda goteja dos meus mamilos” (*ibid.*, p. 20). Finalmente, há conciliação entre mãe e

filha, ora adversárias, ora cúmplices – mas sempre ligadas pela mesma dor: a dependência. Assim, a narradora relata um momento de afeição, a suposta amabilidade materna inerente à mulher é retratada da seguinte forma: “[...] mesmo agora sinto um delicioso torpor pelos meus membros que me enche da vontade de ser dócil, de acariciar os cabelos da menina, de niná-la como a minha própria mãe jamais fez comigo” (*ibid.*).

Percebe-se, ainda, como a maternidade romantizada, delicada, é questionada até mesmo por meio das memórias da narradora-personagem, que relata a ausência da afabilidade materna em sua própria infância ao afirmar “[...] niná-la como a minha própria mãe jamais fez comigo” (*ibid.*). Desse modo, a autora demonstra, outra vez, uma perspectiva em torno da maternidade que valoriza as subjetividades e histórias individuais ao mesmo tempo que questiona o *status quo* construído em torno do papel materno. Desse modo, ao desnudar o universo feminino marcado pela violência estrutural, Amaro (2023) também questiona a lógica que sustenta a expectativa social de que todas as mulheres são naturalmente aptas, e destinadas, a maternar.

Portanto, encontra-se como resultados dessa análise que o conto evidencia a família e, especialmente, a mãe, enquanto uma instituição social disfuncional resultado de um sistema patriarcal igualmente disfuncional. Esse mesmo sistema, que coloca a figura materna enquanto o pilar central de um lar não garante ao indivíduo feminino a mesma importância central, mas coloca-o numa posição objetificada dentro da sociedade. Consequentemente, a instabilidade social desse viés masculinista gera instabilidade em nível individual, perpetuada por gerações.

Dentro desse cenário, o conto evidencia que quando removida a camada que reveste o imaginário comum em torno da mãe abnegada, resta um corpo vulnerável, adoecido, pressionado por questões individuais bem como por normas sociais que o antecedem e o excedem. Essa perspectiva, portanto, reforça a necessidade compreender a maternidade e a figura materna não como uma experiência universal e biologicamente predeterminada, mas como um fenômeno atravessado por condições que variam profundamente entre os sujeitos. Nessa perspectiva, *Leite de Cacto* revela as fraturas de um sistema que insiste, há séculos, em naturalizar os trabalhos de cuidado e a criação de uma família enquanto tarefas femininas. Além disso, o conto de Amaro (2023) opera ainda como um contraponto às narrativas tradicionais, revelando as fraturas desse sistema operacional patriarcal e suas estruturas de opressão.

Finalmente, ao articular, especialmente, as contribuições teóricas de Beauvoir (2009), Butler (2021) e Merleau-Ponty (2018), chegou-se à conclusão de que a maternidade apresentada no conto é mais bem compreendida quando analisada na intersecção entre corpo, cultura, subjetividade e normas sociais. Nesse sentido, a mãe retratada no conto não é apenas vítima de seu vício, mas de uma dinâmica social que reduz a mulher à função reprodutiva, mesmo quando

totalmente inapta aos trabalhos de cuidado. Ademais, o gesto final narrado, em que mãe e filha encontram, ao saciar seu vício, um breve instante de afetado mediado pela substância que as adocece, simboliza, sobretudo, a urgência de desestabilizar narrativas romantizadas em torno da maternidade. Em *Leite de Cacto*, portanto, a autora brasileira Bethânia Pires Amaro retrata uma maternidade verdadeiramente humana, além de criticar, também, uma problemática social. Assim, Amaro não apenas denuncia uma maternidade disfuncional, mas convoca novas formas de pensar o ser-mulher para além das amarras impostas pelo patriarcado e pela tradição.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada em torno do conto *Leite de Cacto*, de Bethânia Pires Amaro, permitiu evidenciar como a narrativa tensiona os discursos hegemônicos sobre a maternidade e problematiza as estruturas patriarcais que regulam o corpo e a identidade feminina. Assim, ao criar uma personagem que experimenta a maternidade em meio a uma crise de abstinência, Amaro critica a lógica da maternidade romantizada e idealizada e expõe as deficiências de um sistema político, social e cultural que naturaliza a total doação de si e os trabalhos de cuidado enquanto algo natural às mulheres.

Além disso, ao expôr o parto enquanto um trauma e mostrar o corpo feminino enquanto espaço de conflitos internos, para além de sua romantização, Amaro também traz à luz as pressões simbólicas que recaem sobre o ser-mulher. Dessa forma, por meio das reflexões de Beauvoir, Shiva, Butler, Rich e Merleau-Ponty e suas contribuições entorno do corpo e da identidade feminina, foi possível compreender que os conflitos que perpassam a protagonista não se restringem às circunstâncias individuais, mas estão incritos em uma trama mais ampla de violências estruturais que vilipendiam o corpo feminino.

Portanto, conclui-se que *Leite de Cacto* demonstra os modos como a maternidade pode ser vivida, também, enquanto imposição, desumanização e fragmentação identitária, especialmente quando vinculada a outras vulnerabilidades, tal qual a dependência química. Além disso, ao optar por um ponto de vista feminino em 1ª pessoa, a narrativa reafirma a relevância da representação das problemáticas do universo feminino. Conclui-se, portanto, que Amaro, ao dar voz a um sujeito materno dissidente do modelo normativo, amplia a discussão sobre maternidades disfuncionais e identidades femininas.

Nesse sentido, propõe-se que o conto contribui não apenas para o debate literário sobre a maternidade, mas também para a reflexão social mais ampla acerca da necessidade de reconhecer o cuidado como trabalho, a maternidade como escolha e o corpo feminino como

espaço de subjetividades – e não enquanto objeto, isto é, mero receptáculo de um ser. Leite de Cacto escancara, assim, que a literatura feminina latino-americana tem sido um território privilegiado para desnaturalizar discursos cristalizados e visibilizar as dores e complexidades que permeiam a experiência feminina nas sociedades contemporâneas e, em especial, no Brasil.

Finalmente, conclui-se que a obra de Bethânia Pires Amaro, para além de sua potência estética, cumpre um papel político: o de provocar deslocamentos, questionar naturalizações e reivindicar que as vozes femininas sejam lidas e consideradas nos estudos literários, bem como na sociedade como um todo.

4. REFERÊNCIAS:

AMARO, Bethânia Pires. **O ninho**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2023.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2019.

SHIVA, Vandana; MIES, Maria. **Ecofeminismo**. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Ubu Editora, 2021.